

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Arqueologia 33
Data: 17/04/94 Pg.: 20

Cultura em harmonia com a floresta

■ Livro contesta mitos sobre os povos da Amazônia

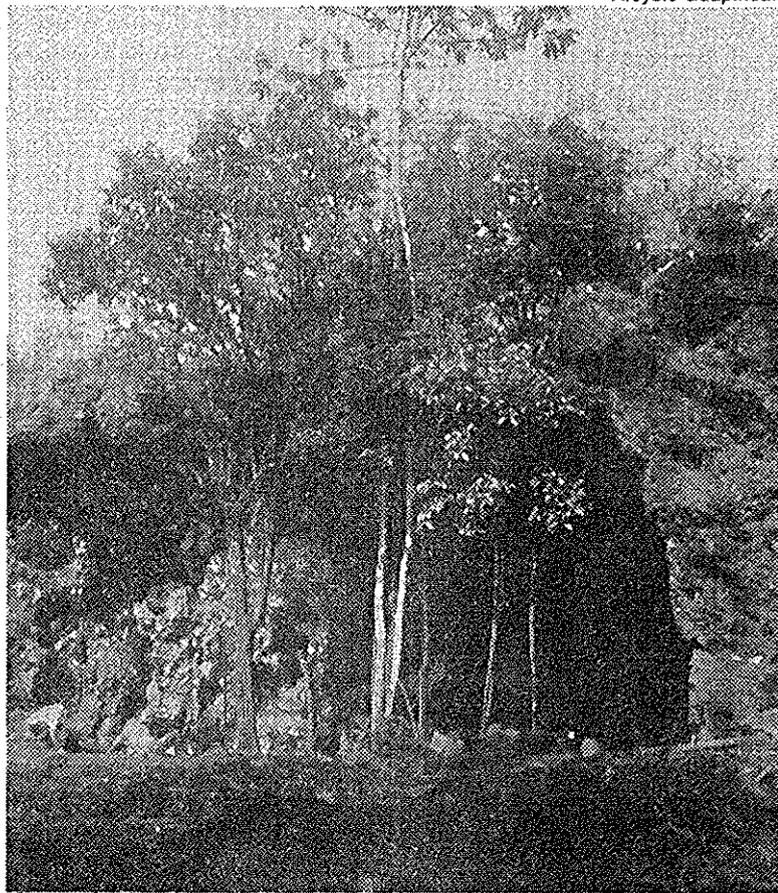
ANNA MUGGIATI

A Amazônia, Sul do Pará, Serra dos Carajás, Gruta do Gavião. Há mais ou menos cinco mil anos, quando as florestas se expandiram, uma nova cultura típica nascia na floresta amazônica, trazendo homens que cultivavam a terra, desenvolviam cerâmicas e dominavam a manufatura de artefatos líticos e quartzos diversos. Esta cultura, marcada principalmente pelo convívio harmônico com o meio ambiente era a cultura Neotropical, concebida pelo arqueólogo Marcos Magalhães como o denominador comum de todas as variáveis sócio-culturais das sociedades que tiveram origem na Amazônia.

A teoria do arqueólogo, lançada no livro *O Tempo Arqueológico*, editado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e viabilizado pela pesquisa patrocinada pela Companhia Vale do Rio Doce, é produto de uma pesquisa desenvolvida de 1983 a 1989 no coração da Amazônia.

Peças de museu — O arqueólogo, que hoje faz doutorado em História Social e Política na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), teve que derrubar vários conceitos da arqueologia clássica para chegar à tese. O importante, para ele, não é colecionar peças de museu, mas conseguir trazer para o presente e o futuro o que marcou o tempo passado. Para isso, Marcos se utilizou de um método interdisciplinar para interpretar as evidências arqueológicas, incluindo a ecologia: "A raiz civilizadora da Amazônia não via a natureza como inimiga, ela se integrava ao meio ambiente", afirma o arqueólogo.

Marcos Magalhães acredita que é necessária uma mudança na forma de entendimento da cultura amazônica. Segundo ele, as teo-



Aloysio Guapindaia

Gruta do Gavião, em Carajás, seria o berço da cultura neotropical

rias levantadas anteriormente sobre o homem amazônico distorcem o convívio do homem com o habitat natural da região. "A arqueóloga Anna Roosevelt afirma que as várzeas do rio Tapajós teriam sido ocupadas por uma densa população, preferindo a área úmida à terra firme por conta das civilizações pouco desenvolvidas", conta Marcos.

Ele destaca que a teoria da arqueóloga americana acerta em alguns aspectos, porém, comete o erro fundamental de considerar que as sociedades eram incapazes de se desenvolver no interior da floresta.

Inferno verde — De acordo com Marcos, foi este tipo de ótica que acabou condicionando o desenvolvimento da Amazônia nos moldes do sul, desprezando a cultura original local: "Pensou-se que a floresta tropical fosse uma barreira natural para o desenvol-

vimento de grandes culturas, projetando a imagem da Amazônia como um "inferno verde", diz.

Assim a saída *natural* dos colonizadores — provenientes do sul, em sua maior parte — era a de dominar a selva. "Para a política oficial estava justificada a errônea idéia de que os índios eram incapazes e os caboclos limitados", conclui.

O arqueólogo defende a idéia de que a evolução natural da cultura neotropical — hoje ainda sobrevivente nas nações dos Caiapó entre outros indígenas —, foi paralisada com a chegada dos europeus.

Assim, o *neotropicalismo*, concebido pelos povos caçadores-coletores que passaram pela Gruta do Gavião há cerca de cinco mil anos, principalmente voltado para propagar a biodiversidade, acabou sendo dominado pela massificação da monocultura.

Peças da gruta têm 8 mil anos

A tese do arqueólogo Marcos Magalhães é resultado de pesquisa feita em 53 sítios arqueológicos, sendo 51 sítios cerâmicos e dois sítios pré-cerâmicos (postos que apresentaram cerâmica em sua superfície).

Na Gruta do Gavião, foram detectados vestígios de uma fogueira que era utilizada como um grande fogão. Em volta da estrutura, encontraram-se restos de alimentos, cinzas e carvão vegetal, ossos e dentes de animais, espinhas de peixe, fragmentos de carapaças de quelônios e de moluscos fluviais além de outros pequenos animais: "Os animais identificados pelos restos ósseos mostram que os habitantes das grutas de Carajás estavam totalmente integrados à fauna e flora da canga e da floresta", explica Marcos.

As datações com as amostras de carvão, datadas pelo American Museum of Natural History, concluem que os "homens das cavernas" de Carajás ocuparam a Gruta do Gavião há oito mil anos.

Além dos vestígios arqueológicos, Marcos está munido de outro argumento para sustentar a tese do *homem neotropical*. Segundo ele, a mais importante marca desta cultura neotropical não teria ficado presa no tempo passado como uma relíquia arqueológica, mas deve estar ainda presente em culturas indígenas sobreviventes: "O caçador-coletor de Carajás representa uma etapa da evolução humana. Ele também deixou vestígios da transição do homem das cavernas para os homens-das-florestas. Entretanto, as duas referências estão presentes na cultura do caboclo", concluiu.

Os estudos de Carajás deverão ter continuidade para que as hipóteses de Marcos Magalhães sejam aprofundadas.